

CELEBRANDO AS LÍNGUAS INDÍGENAS: DIVERSIDADE, ARTES, MEMÓRIAS

Bruna Franchetto e Kristine Stenzel

Este número de *Linguística*, o primeiro de 2019, contribui para a celebração do *Ano Internacional das Línguas Indígenas*, iniciativa da UNESCO para estimular a consciência da vasta diversidade linguística e cultural do mundo. Continuamos, também, o empreendimento que produziu um primeiro volume contendo doze narrativas, analisadas, em línguas amazônicas (STENZEL & FRANCHETTO, 2017, foco da resenha de Andrew Nevins neste número), cujo objetivo foi o de permitir acesso e maior visibilidade às artes verbais dos povos indígenas. O sucesso dessa primeira publicação, junto a pesquisadores indígenas e não indígenas, nos levou a organizar uma segunda coletânea de execuções de artes verbais indígenas com introdução e traduções bilíngues, em português ou espanhol e inglês. Como na publicação anterior, os textos agora publicados mostram o crescente envolvimento dos povos indígenas na documentação, dando voz às suas perspectivas e aos seus conhecimentos. Renova-se, também, a tradição das análises de textos como parte importante da documentação linguística e etnográfica, bem como o reconhecimento de artes da palavra como fontes para o entendimento de formas e práticas de vida e pensamento. São estes os tópicos da “roda de conversa” - *Com a palavra, os pesquisadores indígenas* -, transcrita e editada, que substitui a sessão “entrevista” e que representa uma novidade não presente no volume anterior. Reunimos professores e estudantes indígenas de pós-graduação para que eles conversassem sobre tradição e inovação nas artes das palavras ameríndias.

Os doze textos que compõem esta coletânea provêm de vozes femininas e masculinas de doze povos indígenas da América do Sul, que falam línguas geneticamente distintas e que habitam territórios da bacia amazônica até o Gran Chaco no Paraguai (vejam o mapa abaixo). São vozes dos Guajá (Tupi, Tupi-Guaraní), que vivem no estado do Maranhão (nordeste brasileiro), e dos Krahô (Jê, Timbira), em Tocantins, o estado vizinho a sudoeste. Indo para o Brasil central, temos narrativas

dos Ikpeng (Karib), em Mato Grosso, and, novamente para oeste, dos Wayoro (Tupi, Tuparí) e dos Karitiana (Tupi, Arikém), ambos em Rondônia. Os Dâw (Naduhup) e Wa'ikhana (Tukano Oriental) vivem no noroeste brasileiro, na fronteira com a Colômbia, e encontramos os Muruí (Witoto) no sul da Colômbia e norte do Peru. Não muito longe, entre Brasil, Colômbia e Peru, e entre os rios Putumayo e Amazonas, está o território Tikuna (isolada, condição ainda em discussão), com os Iskonawa (Pano) na Amazônia peruana mais ao sul. Finalmente, indo para sudeste, estão os Guató (isolada) da região do Pantanal, em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, e, ainda, os Maká (Mataguayan) no Paraguay.



Mapa 1 | Mapa dos doze grupos indígenas representados neste volume¹

Algumas das palavras aqui registradas vêm dos últimos falantes de algumas línguas. É o caso das narrativas contadas por Eufrásia Ferreira (Guató) e por Paulina Macurap (Wayoro). Há exemplos de artes verbais de povos com uma pequena porção de falantes, como os Iskonawa, com um número estimado de 82 falantes, ou até menos, e os Dâw, com não mais de 130 falantes. Por outro lado, a nar-

¹ Adaptado de NordNordWest – utilizando dados da United States National Imagery e Mapping Agency e do World Data Base II, CC BY-SA 3.0, <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=7488743>

rativa Tikuna representa o povo indígenas amazônico mais numeroso, com mais de 48.500 falantes, numa população ainda maior, enquanto os textos Maká, Krahô, Ikpeng e Guajá nos chegam de povos com várias centenas até vários milhares de pessoas, que mantêm uma população de falantes estável e com boa transmissão intergeracional. Uma maior vulnerabilidade caracteriza as situações das línguas Karitiana, com menos de 400 falantes, hoje todos bilíngues, os cerca de 200 Muruí, um quarto dos quais ainda fala a língua, e os Wa'ikhana, com poucos jovens falante fluentes em uma população de cerca de 1.400 pessoas.

Diferentemente do volume anterior (STENZEL & FRANCHETTO, 2017), aqui não temos exclusivamente o que nós chamamos de “narrativas”. Destacam-se, assim, os cantos iskonawa da chicha de milho, parte de uma festividade não realizada há mais de cinquenta anos, com sua composição métrica e suas “letras” quase incompreensíveis, e a fala cantada do “chamado” krahô, com sua forma prosódica peculiar. As dez narrativas podem ser aproximadas, umas a outras, por representar subgêneros, talvez. Dona Eufrásia traz do fundo de suas lembranças um “causo” guató, uma breve narrativa entre o mítico e o ocorrido, a única narrativa guató documentada até hoje. Temos o relato wa'ikhana de uma experiência pessoal no espaço liminar da floresta e da caça. A narrativa tikuna é definida como um “conto para crianças” e a guajá é dita ser uma “narrativa cômica”. Narrativas entre os registros “mítico” e “histórico” são as dos Murui e dos Dâw, ricas de informações sobre deslocamentos passados, fissões e fusões, origem de línguas e dialetos, mapeando paisagens culturais, através de noções e relações espaciais e de memórias. Narrativas de origem, repletas de transformações de entes virtualmente humanos e não-humanos, nos chegam dos Wayoro, dos Maká e dos Karitiana. Um caracol fêmea, mulher entre mulheres e com seu esposo supostamente humano, ensina a produção da chicha, enquanto a chicha de maís fermentada dos Maká vem da união entre uma humana e um humano-árvore. O Sol karitiana nasce como um menino e se torna o astro. O Guaribão rouba uma humana, que dele engravida e pare um ser metade humano e metade macaco, no conto guató.

Os temas e as imagens explorados pelos narradores e executores indígenas nesta coletânea são ao mesmo tempo variados e nucleares para a etnografia das terras baixas da América do Sul. Bem três textos (Iskonawa, Maká e Wayoro) tratam da chicha, bebida fermentada feita com maís ou mandioca, substância com força e poder de agir sobre corpos e mentes. Mortos e antepassados guajá ocupam a mesma morada celeste e seus nomes recebem os mesmos sufixos. O jaguar aparece numa posição invertida, nas narrativas guajá e tikuna, como predador falido e vítima. Como já observamos na apresentação do volume anterior, percebem-se fragmentos míticos em flutuação e em trânsito.

Merece atenção o trabalho de alguns pesquisadores em colaboração com seus co-autores indígenas, no que diz respeito a elementos de uma etnografia do próprio processo de registro, tradução e análise. Destacamos a inserção de fotos que documentam os gestos que acompanham a narrativa guató de Dona Eufrásia, resultado de uma inventiva composição de versões para uma língua que só sobrevive em farrapos na memória de uma dos dois últimos falantes. Na narrativa iskonawa, é interessante a cooperação entre o pesquisador coletor, o homem que canta, a esposa deste que explica o contexto da festa de chicha e que, com o filho, transcreve e traduz. A narrativa karitiana é analisada em sua versificação, paralelismos e métrica. A introdução à fala cantada krahô é uma peça etnográfica ímpar, além do cuidado com a tradução, nas numerosas notas explicativas e na descrição dos contextos.

As pesquisas sobre as línguas indígenas da América do Sul continuam crescendo, revelando novos fenômenos e uma diversidade estrutural antes desconhecida. Os textos aqui apresentados ilustram essa diversidade. Apontamos a seguir alguns aspectos de maior interesse.

Considerando as características tipológicas dessas doze línguas, vemos que duas delas – Dâw e Krahô – possuem perfis morfológicos isolantes. Uma morfologia transparentemente aglutinativa predomina nas outras, com índices de fusão na flexão verbal karitiana e wa'ikhana. Os padrões de ordem de constituintes mais comuns são SVO e SOV, apesar do guató ser considerado como tendo uma ordem básica com verbo inicial, e ele, assim como o ikpeng, serem descritos como mostrando uma mudança para SVO sob a influência do português. Tikuna e karitiana são exemplos de línguas de ordem livre, ou variável, enquanto em wa'ikhana a posição do sujeito, com relação a um núcleo solidamente OV, é analisada como sendo dependente da estrutura da informação.

Os sistemas fonológicos das línguas aqui presentes revelam também uma notável diversidade. Guajá, wuruí, wa'ikhana e ikpeng possuem inventários fonêmicos pequenos, com dez a dezoito consoantes e sistemas de seis vogais que incluem uma vogal central alta [i] e frequentemente com variantes nasais. Uma maior complexidade segmental se encontra em dâw e maká, com inventários de vinte cinco e vinte dois consoantes, respectivamente, enquanto o wayoro tem consoantes labializadas e um sistema vocálico com variantes nasais e longas. No nível suprasegmental, o sistema tonal do tikuna, bastante complexo, tem dez tonemas que sofrem alternâncias sistemáticas, enquanto tanto dâw como wa'ikhana têm sistemas com valores tonais Alto/Baixo. Em wa'ikhana o elemento final de uma melodia tonal sofre espalhamento, assim como acontece com os valores \pm da nasalização suprasegmental. Este último é também um traço suprasegmental em tikuna, com processos de

harmonia nasal encontrados também na fonologia do guajá.

Nos textos apresentados encontramos também um leque fascinante de fenômenos morfológicos e sintáticos. Entre eles estão os sistemas de classificadores nominais do muruí e do wa'ikhana, com dúzias de elementos tendo “múltiplas” funções nos processos derivacionais e flexionais, e o paradigma dos demonstrativos em maká, baseado em seis raízes que codificam distância relativa ou acessibilidade epistêmica, gênero e número (para referentes no singular). O tikuna tem um sistema de cinco classe nominais com a possibilidade de “reatribuição” de nomes para propósitos discursivos pragmáticos. Marcação de caso diferencial e alinhamento nominativo-acusativo são traços de muruí, dâw e wa'ikhana, sendo que os dois últimos possuem também construções seriais produtivas – estruturas que são compartilhadas arealmente com muitas outras línguas do noroeste amazônico. A codificação evidencial é observada em várias línguas, com sistemas que mostram graus variados de complexidade e de orientação semântica. Os sistemas de evidenciais de iskonawa e karitiana são sensíveis às diferenças entre evidência direta e indireta, enquanto o wa'ikhana, assim como outras línguas tukano orientais, tem um sistema obrigatório e multi-valorado que distingue tipos distintos de fontes de informação sensorial, inferencial e relatada. Muruí, por outro lado, tem apenas um evidencial de informação relatada que não é um traço dominante da fala narrativa, enquanto em dâw o evidencial de informação relatada é usado até em excesso neste gênero.

Observamos a considerável diversidade e complexidade das línguas incluídas neste número no que concerne a organização dos sistemas verbais e da codificação dos argumentos. Duas características marcantes do krahô, por exemplo, são suas formas verbais supletivas longas e curtas, bem como o uso difuso de formas nominalizadas como núcleos de orações independentes em uma variedade de ambientes sintáticos. As distinções entre *realis* e *irrealis* são princípios organizacionais nas flexões verbais maká e wa'ikhana enquanto o karitiana revela um sistema futuro/não-futuro. Hierarquias de pessoa estão presentes nos paradigmas flexionais de guajá, guató e maká.

Finalmente, sistemas cindidos de alinhamento são encontrados em várias línguas de nossa coletânea. Como em muitas línguas pano, a marcação de caso em iskonawa tem alinhamentos nominativo-acusativo, ergativo-absolutivo e neutro. Wayoro tem um sistema cindido com alinhamento nominativo-acusativo para pronomes livres em orações simples e alinhamento absolutivo para pronomes presos e construções possessivas. Krahô também tem um sistema cindido (nominativo-absolutivo) para pronomes, além de formas de segunda pessoa dual/plural que podem ser engenhosamente usadas para enviar mensagens concorrentes para grupos separados de ouvintes.

Convidamos os leitores a descobrir outros tesouros ao percorrer as vozes-textos indígenas que seguem.

CELEBRATING INDIGENOUS LANGUAGES: DIVERSITY, ARTS, MEMORIES

This volume of *LinguiStica*, the first of 2019, comes to light in the beginning of the year UNESCO has declared the *International Year of Indigenous Languages*, contributing to its goals of celebrating and raising awareness of the world's vast cultural and linguistic diversity. It continues an initiative that produced a first volume of twelve analyzed narratives of Amazonian languages (STENZEL & FRANCHETTO, 2017, focus of the review by Andrew Nevins in this volume), whose goal was to provide access and give greater visibility to the verbal arts of indigenous peoples. The overwhelmingly positive reception of the first publication on the part of non-indigenous and indigenous researchers inspired us to continue the effort with another collection of verbal arts with full bilingual introductions and translations. Like its sister volume, this collection showcases the increasing involvement of indigenous people in documentation, giving voice to their perspectives and knowledge. It moreover contributes to the revival of text analyses as a mainstay of language and ethnographic documentation and reinforces recognition of verbal arts as sources of understanding of diverse ways of living and thinking. These are the topics of the transcribed and edited “conversation circle” – *Com a palavra, os pesquisadores indígenas* – in which an indigenous teacher and a group of indigenous graduate students reflect on tradition and innovation in Amerindian verbal arts. This text substitutes the typical “interview” section and constitutes a novelty in this volume.

The twelve texts that compose this collection come from men and women from twelve South American indigenous groups who speak genetically diverse languages and are geographically dispersed from the lowlands of the Amazonian basin to the Gran Chaco plateau of Paraguay (see the Map below). We hear from the Guajá (Tupi, Tupi-Guaraní), who live in the state of Maranhão in northeastern Brazil and the Krahô (Jê, Timbira), from Tocantins, the southwestern neighboring state. Moving westward into central Brazil, we have narratives from the Ikpeng (Carib) of Mato Grosso, and the Wayoro (Tupi, Tuparí) and Karitiana (Tupi, Arikém) from Rondônia. The Dâw (Naduhup) and Wa'ikhana (East Tukano) live in the far northwestern Brazil-Colombia border region, with the Muruí

(Witoto) to the south in Colombia and northern Peru. Nearby, spanning parts of Brazil, Colombia, and Peru between the Putumayo and Amazonas rivers is the region occupied by the Tikuna (Isolate, still under debate), with the Iskonawa (Pano) in the Peruvian Amazon farther to the south. Finally, moving to the southeast, we have narratives from the Guató (Isolate) of the Pantanal region of Mato Grosso do Sul, and the Paraguayan Maká (Mataguayan).



Map 1 | Map of the twelve indigenous groups represented in this volume²

The words collected here are among some of the last we may ever hear from several of these peoples. This is undoubtedly the case with the narratives by Eufrásia Ferreira (Guató), and by Paulina Macurap (Wayoro), both among the few remaining speakers of their languages. The collection also includes examples of verbal art from groups with very small speaking populations, such as Iskonawa, with an estimated eighty-two speakers, but likely far fewer, and Dâw, with no more than

² Adapted from NordNordWest – using United States National Imagery and Mapping Agency data, World Data Base II data, CC BY-SA 3.0, <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=7488743>

130 speakers. In contrast, the Tikuna narrative represents the largest Amazonian indigenous people, with over 48,500 speakers in a population much larger still, while those from Maká, Krahô, Ikpeng, and Guajá come to us from groups ranging from several hundred to several thousand, with stable speaking populations and good intergenerational transmission. Greater vulnerability and/or advancing states of endangerment characterize the situations of Karitiana, with fewer than 400 speakers, all currently bilingual, Muruí, numbering some 2000, only quarter of whom still speak the language, and Wa'ikhana, with a population of some 1400, but with few fluent speakers among the younger generations.

In contrast to the previous volume (STENZEL & FRANCHETTO, 2017), this collection is not exclusively composed of what we call “narratives”. It also contains examples of Iskonawa corn chicha chants from a ceremony that has not been performed in fifty years, with their metric composition and nearly incomprehensible “lyrics”, as well as the song speech of the Krahô “call”, with its peculiar prosodic form. For their part, the ten narratives can perhaps be seen as representative of sub-genres. Dona Eufrásia digs deep into her memory to recall a Guató “case”, a short narrative somewhere between the mythic and the material, the only Guató analyzed narrative to date. We also have a Wa'ikhana personal narrative played out in the spatial threshold of the forest and the hunt. The Tikuna narrative is described as a “children’s story” and that of Guajá as a “comic narrative”. The Murui and Dâw narratives lie between the “mythic” and “historical” registers, offering rich information about past migrations, fissions and fusions, and the origins of languages and dialects as they map cultural landscapes through memories and through spatial concepts and relations. Origin narratives, replete with transformations of virtually-human and non-human beings come to us from the Wayoro, the Maká, and the Karitiana. For the Wayoro, it is a female snail, a woman among women and with a supposedly human husband, who first taught them how to make chicha, while the more fermented chicha of the Maká comes from the union of a human and a tree-human. The Karitiana Sun is born as a boy who becomes an astral being. In the Guató tale, a giant howler monkey steals a human woman, who then bears a half-human, half-monkey child.

The themes and images explored by the indigenous narrators and performers in this collection are, at the same time, varied and nuclear to South American lowland ethnography. At least three texts (from the Iskonawa, Maká, and Wayoro) deal with chicha, a fermented drink made of maize or manioc, a substance with the power to act on bodies and minds. The dead and the Guajá ancestors occupy the same celestial home and their names receive the same suffixes. The jaguar is cast in a different light — as a failed and victimized predator — in the Guajá and Tikuna narratives. As was also noted in

the introduction to the previous volume, this collection too presents fluctuating fragments of myths.

We should note the collaborative efforts of some researchers and their co-authors to illuminate aspects of the ethnography of the actual process of recording, translation, and analysis. Among these are the series of photos that document Dona Eufrásia's gestures in the Guató narrative, fruit of an inventive compilation of versions in a language that exists only in shreds and shadows in the memory of one of its last speakers. For the Iskonawa narrative, there is cooperation between the academic researcher, the man who sings, his wife, who explains the context of the chicha ceremony, and their son, who transcribes and translates. Versification, parallelisms, and meter are prominently featured in the Karitiana narrative analysis. Finally, the introduction to the song speech of Krahô is an exemplary ethnographic work, due both to the care taken in translation and to the numerous explanatory notes and description of context.

Research on the indigenous languages of South American continues to grow and with it, new phenomena and much greater structural diversity than formerly imagined are coming to light. The verbal art in this volume highlights this diversity, revealing many interesting typological features that we briefly outline below.

Considering the general typological characteristics of the twelve languages in focus, we find that two — Dâw and Krahô — have isolating morphological profiles. Transparent agglutinative morphology predominates in the rest, though some instances of fusion, for example, in the verbal inflection of Karitiana and Wa'ikhana, are also seen. The most common constituent order patterns are SVO and SOV, and although Guató is identified as having basic verb-initial order, it, like Ikpeng, is described as displaying shift to SVO under the influence of Portuguese. Tikuna and Karitiana are cases of languages with free or variable orders, while in Wa'ikhana, the position of subjects in relation to a tight OV core is analyzed as dependent on information structure considerations.

There is considerable diversity in the phonological systems of the languages in this collection as well. Guajá, Muruí, Wa'ikhana, and Ikpeng all have relatively small phonemic inventories, with ten to eighteen consonants and systems of six vowels that include a high central vowel [ɨ], often with matching nasal variants. Greater segmental complexity is found in Dâw and Maká, which have inventories of twenty-five and twenty-two consonants, respectively, while the Wayoro phonemic inventory includes labialized consonants and a vowel system with both nasal and long variants. At the suprasegmental level, the extremely complex tonal system of Tikuna has ten tonemes that undergo

systematic conditioned alternations, while both Dâw and Wa'ikhana have systems with High/Low tone values. In Wa'ikhana, the final element of the tonal melody undergoes spreading, as do the \pm values of suprasegmental nasalization. This latter is also a suprasegmental feature of Tikuna, with nasal harmony processes identified in Guajá phonology as well.

An array of fascinating morphological and syntactic phenomena are described and displayed in the contributions to this volume. Among these are the noun classifier systems of Muruí and Wa'ikhana, composed of dozens of elements and having “multiple” functions in derivational and inflectional processes, and the Maká paradigm of demonstratives, based on six roots that code relative distance or epistemic accessibility as well as gender and number (for singular referents). Tikuna has a system of five noun classes, with the possibility of “reassignment” of nouns for pragmatic purposes in discourse. Differential case marking and nominative-accusative alignment are features of Muruí, Dâw, and Wa'ikhana, the latter two also having productive serial verb constructions — all structures areally shared with many other languages of the northwest Amazon. Evidential coding is noted in several languages, with systems showing varying degrees of complexity and semantic orientation. The evidential systems of both Iskonawa and Karitiana are sensitive to the differences between direct and indirect evidence, while Wa'ikhana, like other East Tukano languages, has a multi-valued and obligatory system that distinguishes direct sensory, inferential, and reported information sources. Muruí, in contrast, has only a reported evidential that is not a predominant feature of narrative speech, unlike the Dâw reported evidential, which is used excessively in this genre.

We note, moreover, the enormous diversity and complexity found in the organization of verbal systems and argument coding in the languages that compose this volume. Two striking features of Krahô, for example, are its suppletive short and long verb forms and its widespread use of nominalized forms as heads of independent clauses in a variety of syntactic environments. Realis/irrealis distinctions are an organizing principle of Maká and Wa'ikhana verbal inflection, while Karitiana displays a future/non-future system. Person hierarchies are essential to the inflectional paradigms of Guajá, Guató, and Maká.

Finally, split alignment systems are found in several languages in our collection. Like many Pano languages, Iskonawa case-marking has nominative-accusative, ergative-absolutive, and neutral alignments, while Wayoro has a split system with nominative-accusative alignment for free pronouns in simple clauses and absolutive alignment for bound pronominals and possessive constructions. Krahô also has a split (nominative-absolutive) system for pronominals, in addition to second-person

dual/plural forms that can be artfully employed to send concurrent messages to separate groups of listeners.

We invite readers to discover other structural treasures as they explore the indigenous voice-texts that follow.

REFERÊNCIAS

STENZEL, K. & FRANCHETTO, B. (eds.) 2017. *On this and other worlds: Voices from Amazonia*. [Studies in Diversity Linguistics 17] Berlin: Language Science Press.

Lista de abreviaturas usadas nas glosas, seguindo as convenções de Leipzig

1	first person	<i>1ª pessoa</i>	INS	instrumental	<i>instrumental</i>
2	second person	<i>2ª pessoa</i>	INTR	intransitive	<i>intransitivo</i>
3	third person	<i>3ª pessoa</i>	IPFV	imperfective	<i>imperfectivo</i>
A	agent-like argument of transitive V	<i>ARG tipo agente de V TR</i>	IRR	irrealis	<i>irrealis</i>
ABL	ablative	<i>ablativo</i>	LOC	locative	<i>locativo</i>
ABS	absolute	<i>absolutivo</i>	M	masculine	<i>masculino</i>
ACC	accusative	<i>acusativo</i>	N	neuter	<i>neutro</i>
ADJ	adjective	<i>adjectivo</i>	N-	non-	<i>não-</i>
ADV	adverb(ial)	<i>adverb/adverbial</i>	NEG	negation, negative	<i>negação, negativo</i>
AGR	agreement	<i>concordância</i>	NMLZ	nominalizer/ nominalization	<i>nominalizador/ nominalização</i>
ALL	allative	<i>alativo</i>	NOM	nominative	<i>nominativo</i>
ANTIP	antipassive	<i>antipassivo</i>	OBJ	object	<i>objeto</i>
APPL	applicative	<i>aplicativo</i>	OBL	oblique	<i>oblíquo</i>
ART	article	<i>artigo</i>	P	patient-like ARG of TR V	<i>ARG tipo paciente de V TR</i>
AUX	auxiliary	<i>auxiliar</i>	PASS	passive	<i>passiva</i>
BEN	benefactive	<i>benefactivo</i>	PFV	perfective	<i>perfectivo</i>
CAUS	causative	<i>causativo</i>	PL	plural	<i>plural</i>
CLF	classifier	<i>classificador</i>	POSS	possessive	<i>possessivo</i>
COM	comitative	<i>comitativo</i>	PRED	predicative	<i>predicativo</i>
COMP	complementizer	<i>complementizador</i>	PRF	perfect	<i>perfeito</i>
COMPL	completive	<i>completivo</i>	PRS	present	<i>presente</i>
COND	conditional	<i>condicional</i>	PROG	progressive	<i>progressivo</i>
COP	copula	<i>copula</i>	PROH	prohibitive	<i>proibitivo</i>
CVB	converb	<i>converbo</i>	PROX	proximal	<i>próximo</i>
DAT	dative	<i>dative</i>	PST	past	<i>passado</i>
DECL	declarative	<i>declarative</i>	PTCP	participle	<i>participio</i>
DEF	definite	<i>definido</i>	PURP	purposive	<i>propositivo</i>
DEM	demonstrative	<i>demonstrative</i>	Q	question particle/ marker	<i>partícula/marcador interrogativa</i>
DET	determiner	<i>determinador</i>	QUOT	quotative	<i>quotativo</i>
DIST	distal	<i>distal</i>	RECP	reciprocal	<i>recíproco</i>
DISTR	distributive	<i>distributivo</i>	REFL	reflexive	<i>reflexivo</i>
DU	dual	<i>dual</i>	REL	relative	<i>relativo</i>
DUR	durative	<i>durativo</i>	RES	resultative	<i>resultativo</i>
ERG	ergative	<i>ergativo</i>	S	single ARG of INTR V	<i>ARG único de V INTR</i>
EXCL	exclusive	<i>exclusive</i>	SBJ	subject	<i>sujeito</i>
F	feminine	<i>feminine</i>	SBJV	subjunctive	<i>subjuntivo</i>
FOC	focus	<i>foco</i>	SG	singular	<i>singular</i>
FUT	future	<i>future</i>	TOP	topic	<i>tópico</i>
GEN	genitive	<i>genitive</i>	TR	transitive	<i>transitivo</i>
IMP	imperative	<i>imperative</i>	VOC	vocative	<i>vocative</i>
INCL	inclusive	<i>inclusivo</i>			
IND	indicative	<i>indicativo</i>			
INDF	indefinite	<i>indefinido</i>			
INF	infinitive	<i>infinitivo</i>			